

ENTRE O VERISMO E O GREGO IDEALIZADO: AS REPRESENTAÇÕES DO IMPERADOR AUGUSTO NA ESTATUARIA

BETWEEN VERISM AND IDEALIZED GREEK: STATUARY REPRESENTATIONS OF THE EMPEROR AUGUSTUS.

Gregory Gallo¹

RESUMO

Por volta de 200 a.C., o *grego idealizado*, assim chamado por muitos autores, passou a ser “assimilado” nas representações dos retratos romanos e na estatuaria, sobretudo, e em especial nas cidades itálicas e nas *villae*. O estilo *Verista* era o “padrão” aceito e utilizado naquela sociedade nas representações da República Tardia. O imperador Augusto, contudo, foi representado na cidade de Roma num estilo que somava tanto o *grego idealizado* e o *verista*. Portanto, na “comunicação”, pretende-se explorar e discutir a nova linguagem de representação na estatuária que o Imperador Augusto criou para responder à crise romana de seu tempo.

Palavras-chave: Roma; Imperador Augusto; Representação.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo, sob a orientação do Prhof^o. Dr. Glaydson José da Silva. Bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

ABSTRACT

At around 200 BC, the so-called (by many authors) *idealized Greek*, started being assimilated in the representations of Roman portraiture and statuary, especially in the *villae* and Italian cities. The *Veristic* style was the accepted pattern used in representations by the Late Republic society. However, emperor Augustus' depictions in the city of Rome combined both the *Veristic* and the *idealized Greek* styles. Therefore, this paper aims to exploit and discuss the new language of statuary representation created by Augustus in order to overcome the Roman crisis of his time.

Keywords: Ancient Rome; Emperor Augustus; Representation

O que apresentarei aqui são alguns apontamentos da minha pesquisa de mestrado que está em andamento. Irei falar sobre as representações do Imperador Augusto na estatuária e analisar como essas representações traziam uma simbiose de estilos.

No I a.C. as representações romanas na estatuária (o que pode ser entendido também como retratística) assumiram uma nova linguagem. Paul Zanker, na obra *Augusto e o Poder das Imagens*², identificou, na verdade, uma linguagem imperial de representação. Para o autor, Augusto após a vitória de Ácio sobre Marco Antônio, ocorrida por volta de 31 a. C. teria adotado essa nova forma de representação que trazia na sua configuração a mistura dos estilo republicano do período da República Tardia e o estilo helenista do período em que a Grécia esteve sob domínio dos reis macedônicos.

Para que haja entendimento a respeito da linguagem desenvolvida na época de Augusto, importa analisar os estilos que a compõe antes de se fazer considerações a respeito dela. O primeiro estilo identificado é o *verismo*.

² ZANKER, Paul. *Augusto y el poder de las imágenes*. Versión española de Pablo Diener Ojeda. Alinza Editorial. Madrid, 1992.

Uma gama de autores mencionaram e analisaram esse estilo³. Dentre suas principais características estão a precisão realista em retratar os traços fisionômicos, idade, e expressões faciais “cansadas” dos representados.

Para Sheldon Nodelman, no livro *How to read a Roman portrait*, essa é uma característica clara de ideologia de grupo, pois o autor afirmou que essas representações se constituem em um “conjunto de convenções ditadas por motivos ideológicos”⁴. E Bandinelli, na obra *O retrato*, chegou a afirmar que esse tipo de representação:

“não floresce em todas as civilizações, nem em todos os momentos de uma mesma civilização. Em geral, o retrato, fisionômico e particular de um indivíduo é sempre fruto de uma civilização urbana, profundamente politizada, com uma classe social dominante ligada a uma tradição própria e largamente provida de meios”.⁵

Bandinelli afirmou, também, que as representações republicanas do período da República Tardia, o que se entende por *verismo*, não são consequências diretas das máscaras mortuárias dos membros falecidos da elite romana. Essa elite costumava colocar as máscaras mortuárias expostas num relicário de madeira no *atrium* de suas casas e as expunham, também, nos cultos fúnebres de membros importantes de suas famílias. Portanto,

³ Ver: BIANCHI BANDINELLI, Ranuccio. O retrato. In: ARGAN, Giulio Carlo. História da arte italiana: da Antiguidade a Duccio. São Paulo: Cosac & Naify, 2003; NODELMAN, Sheldon. How to read a Roman portrait. In: D'AMBRA, Eve (ed.). Roman art in context: an anthology. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993; SMITH, Roland R.R. Roman portraits: honours, empresses, and late emperors. *Journal of Roman Studies*, 75, p. 209-221, 1985; TANNER, Jeremy. Portraits, power, and patronage in the late Roman republic. *Journal of Roman Studies*, 90, p. 18-50, 2000.

⁴ NODELMAN, Sheldon. How to read a Roman portrait. In: D'AMBRA, Eve (ed.). Roman art in context: an anthology. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993, p. 41.

⁵ BIANCHI BANDINELLI, Ranuccio. O retrato. In: ARGAN, Giulio Carlo. História da arte italiana: da Antiguidade a Duccio. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 199.

Bandinelli argumentou que apenas alguns traços das máscaras mortuárias foram assimilados nas representações republicanas, o *verismo*.⁶ A importância de mencionar essa assimilação é apontar o aspecto singular da representação romana, pois seu processo de formação não foi um mero desdobramento das representações gregas, mas teve sua originalidade exatamente por ter uma de suas origens numa prática genuinamente romana.

O outro estilo identificado, que aqui estou chamando de grego idealizado, é o helenista. Ele difere significativamente do *verista*. Esse estilo esteve altamente em voga no período em que os reis macedônicos dominavam a Grécia. Nesse modelo de representação, os reis helenísticos eram representados tais como os deuses e heróis gregos. Dessa forma, buscavam, em certo grau, uma divinização. Quanto ao estilo em si da representação, não trazia os traços de fisionomia e idade tais como no *verismo*. O representado estava nú e sempre associado a temas mitológicos. [Figura 4 e 5].

Paul Zanker argumentou que o estilo helenístico, ou, *grego-idealizado* não era visto com bons olhos na cidade de Roma (refere-se à região metropolitana romana), pois o nú grego era considerado impudico. Contudo, o autor diz que o *grego-idealizado* passou a ser assimilado nas representações das chamadas *villae*, onde a cultura grega estava entrando com maior presença, e em algumas cidades itálicas. É importante destacar que essa assimilação estava ocorrendo num âmbito mais privado, ou seja, no interior das *villae*. Contudo, na cidade de Roma, no âmbito público, esse estilo não adentrou, pois ali, segundo Zanker, existia uma aristocraciamais conservadora que não aceitava glorificações sobre-humanas de seus cidadãos.⁷

⁶ Idem.

⁷ ZANKER, Paul. Augusto y el poder de las imágenes. Versión española de Pablo Diener Ojeda. Alinza Editorial. Madrid, 1992. p. 21-46.

O ponto que desperta mais a atenção, seguindo a lógica das argumentações expostas até o momento, é que as representações do Imperador Augusto se constituem numa soma de ambos os estilos, tanto o *verista* quanto o *grego-idealizado*. Pergunta-se, portanto, como Augusto conseguiu ter ampla receptividade com essa nova linguagem na estatuária sendo que as mesmas traziam em sua configuração elementos das representações helenísticas que eram reprovadas na cidade de Roma?

Noldeman afirmou que as representações de Augusto tinham caráter de juventude, que contrastava com os rostos cansados, velhos e enrugados da velha escola política, ou seja, a classe patriciana e senatorial romana; que o olhar exausto, cheio de espasmos musculares e com desesperança dessa velha aristocracia foi sobreposto pela liberdade e esperança de se fazer um mundo novo que a representação de Augusto oferecia e, também, que seu olhar era brilhante, penetrante e cheio de poder intelectual, que demonstrava a força de sua personalidade. Nodelman defendeu a ideia de que Augusto emprestou esses traços das representações helenísticas, na qual o heroico e sobre-humano dos reis eram indicado. Contudo, o autor argumentou que Augusto era astuto para impor as representações helenísticas para um público romano e que, por isso, desenvolveu a nova linguagem de representação que trazia tanto o *verismo* quanto o grego idealizado⁸. Portanto, Augusto, frente à crise que o sistema republicano estava passando, ofereceu uma nova linguagem como resposta aos problemas sociais. Uma linguagem que traria um novo ânimo ao povo romano. Misturar os estilos, nesse sentido, foi a solução que Augusto encontrou para passar uma mensagem de renovação da sociedade e restaurar aquilo que havia se desgastado: o *mos maiorum*.

⁸ NODELMAN, Sheldon. How to read a Roman portrait. In: D'AMBRA, Eve (ed.). Roman art in context: an anthology. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993, p. 44.

A pesquisa que está em andamento tem por objetivo problematizar a relação da construção da imagem do Imperador Augusto e a divinização. Portanto, não se pretende defender se houve ou não a divinização de Augusto ainda em vida na cidade de Roma especificamente. A necessidade de se problematizar essa relação surgiu da constatação de que a nova linguagem de representação do Augusto trazia justamente as características que os reis helenísticos utilizaram para se divinizar. Contudo, as primeiras considerações que pode se afirmar é que se Augusto não foi divinizado, foi, entretanto, “aumentado”. Entende-se por “aumentada” a pessoa que não está no plano divino, mas, também, não está no plano dos “homens comuns”.

A explicação para esse “aumento” de Augusto se encontra no desgaste que o sistema republicano apresentava. Alberto Guarinello afirmou que “O Império Romano era um Império de cidades e, ao mesmo tempo, o Império de uma cidade”⁹. O autor explicou que quando Roma deixou de ser uma cidade-estado, por ter capitaneado as cidades da Península itálica, para se tornar uma hipercidade com uma população extremamente complexa, viu o seu sistema político ficar gradualmente obsoleto para atender à nova formatação. Guarinello também afirmou que o fato de Roma conquistar as cidades itálicas fez com que surgissem grandes proprietários de terra enriquecidos que dominavam o Senado. Em consequência, o século I a.C. é marcado por diversas conturbações: desde os irmãos Graco até os generais Mário e Sila; e também houve o surgimento do patronato/clientelismo que foi algo estranho à lógica republicana¹⁰. Portanto, o candidato que traria a solução para salvar a república romana não poderia ser igual à velha classe senatorial e patrícia,

⁹ GUARINELLO, Norberto Luiz. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.); SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org.). Política e Identidades no Mundo Antigo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009, p. 149.

¹⁰ CANFORA, Luciano. Júlio César: O Ditador Democrático. São Paulo: Estação Liberdade, 2007, p. 14. Norberto Luiz Guarinello escreveu uma introdução para essa edição.

mas precisava de algo novo. Por isso, as representações de Augusto trazem o velho, o *verismo*, resignificado em algo novo ao ser combinado com o *grego-idealizado*. E, por conseguinte, Augusto é “aumentado” na representação como uma solução à crise da República.

BIBLIOGRAFIA

- BIANCHI BANDINELLI, Ranuccio. O retrato. In: ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte italiana: da Antiguidade a Duccio*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CANFORA, Luciano. *Júlio César: O Ditador Democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.); SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org.). *Política e Identidades no Mundo Antigo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009
- NODELMAN, Sheldon. How to read a Roman portrait. In: D'AMBRA, Eve (ed.). *Roman art in context: an anthology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.
- SMITH, Roland R.R. *Roman portraits: honours, empresses, and late emperors*. *Journal of Roman Studies*, 75, p. 209-221, 1985.
- TANNER, Jeremy. *Portraits, power, and patronage in the late Roman republic*. *Journal of Roman Studies*, 90, p. 18-50, 2000.
- ZANKER, Paul. *Augusto y el poder de las imágenes*. Versión española de Pablo Diener Ojeda. Alinza Editorial. Madrid, 1992.

